

CAMINHAR EM PEREGRINAÇÃO

RESUMO

O presente texto aborda a peregrinação a pé como uma cultura reveladora dos anseios religiosos do homem e fundadora de uma experiência unívoca em referência às paisagens percorridas e horizontes formulados – experiência espacial, física e simbólica. Propõe-se ao leitor que se coloque na condição de caminhante e, imaginariamente, encontre-se em tal *geografia*, podendo gerar as suas interpretações.

Palavras-chave: Geografia; Peregrinação; Caminhar; Imaginação.

RESUMEN

Este artículo trata sobre la peregrinación a pie como una cultura revelación de anhelos religiosos del hombre y fundador de una experiencia solo en referencia a los paisajes cubiertos y horizontes formulados – experiencia espacial, físicas y simbólicas. Se propone que el lector ponga la condición andador y con imaginación, se encuentra en una geografía tal, que puede generar sus interpretaciones.

Palabras clave: Geografía; Peregrinación; Camine; Imaginación.

ABSTRACT

This paper is about the pilgrimage on foot as a revealing culture religious longings of man and it is founder of a univocal experience in reference the covered landscapes and formulated horizons – spatial experience, physical and symbolic. It is proposed that the reader is going to be put in walker condition, imaginatively, find yourself in such a geography, which can generate their interpretations.

Keywords: Geography; Pilgrimage; Walk; Imagination.

José Arilson Xavier de Souza

E-mail:

arilsonxavier@yahoo.com.br

Doutorando em Geografia pela

UERJ

INTRODUÇÃO

Imagine-se na condição de peregrino a pé. Alguém que por motivações espirituais, religiosas, decidiu romper com seu cotidiano em caminhada para buscar um espaço sagrado. Seja para pedir ou agradecer, que enquanto homem religioso, aceita o juízo de que essa peregrinação terá o poder de lhe fazer um novo ser, uma vez que o sacrifício exercido pelo corpo e o contato com a natureza parecem forjar uma flexibilidade e persistência de pensamentos, proporcionando equilíbrio e liberdade no que concerne a avaliação de sua vida social... Eis uma interpretação global das narrações de vida de peregrinos a pé. Para a geografia, essa experiência é interessante em sua dimensão espacial.

Mesmo que não seja ou se sinta um homem religioso, incorro pelo risco de afirmar que sua imaginação, ainda que sutilmente, lhe pôs *a caminho*, um caminho seu, e que a partir desse dispositivo – de alguém que experimentou a gravidade do terreno, sentiu o sol e o vento no rosto, descansou na sombra das árvores, refrescou-se com a água do riacho e dormiu sob um céu de estrelas –, possa compartilhar a experiência, ao sabor da imaginação criativa, de “pôr o pé na frente do outro” (GROS, 2010). Na condição de pesquisador penso que o exercício de alteridade é válido enquanto desafio de refletir sobre a cultura das peregrinações¹, científico e poeticamente, facilitando o desenvolvimento de interpretações (GEERTZ, 1978).

Esta comunicação, por sua vez, dará continuidade às reflexões iniciadas a partir do trabalho apresentado – *A paisagem de peregrinos a pé: o horizonte é logo ali* – durante o IX Simpósio Internacional de Espaço e Cultura, organizado pelo NEPEC, UERJ, Rio de Janeiro-RJ, em outubro de 2014. Adotando uma postura que leva em consideração observações de campo – refere-se à Romaria de Nosso Senhor do Bonfim, Natividade-TO, objeto de estudo de doutorado em Geografia/UERJ –, interpretação das histórias de vida de peregrinos e o aporte teórico em pauta, apresentamos o texto em duas seções: a) Caminhar em peregrinação... Paisagem e horizonte, espaço e cultura; b) Imaginar-se *a pé e com fé*. A primeira de cunho teórico; a última desdobrada em subseções que tentam descrever a experiência de peregrinos.

Siga-se pelos passos da leitura e caminhos da imaginação – *geográfica*, sobretudo –, para se pensar um comportamento humano repleto de significado.

CAMINHAR EM PEREGRINAÇÃO... PAISAGEM E HORIZONTE, ESPAÇO E CULTURA

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

(Eduardo Galeano).

O ato da caminhada, um ato de exploração do espaço geográfico pelo homem, abre a paisagem à consciência do mundo e de “outros mundos”² e da existência na terra (BESSE,

¹ Esclarece-se que, para este trabalho, quando da utilização do termo peregrinação, estará se referindo às peregrinações realizadas a pé.

² O geógrafo francês Paul Claval (2008) fala de “outros mundos” como um problema epistemológico da geografia. A essa noção, o autor refere-se à idealização por parte do homem religioso de um céu, paraíso, a ser habitado na vida eterna como recompensa por uma vida espiritual de providências. Para a geografia, interessa o quão o homem guia suas ações por essa crença e, assim, desenvolve arranjos espaciais pensados para facilitar seu objetivo.

2006; DARDEL, 2011). Como frisado na epígrafe acima, caminhar também permite ao homem uma projeção utópica com relação ao horizonte, esse constituinte da paisagem, pois “não há paisagem sem horizonte” (COLLOT, p. 205, 2010). Das modalidades possíveis de se caminhar³, interessamo-nos pela caminhada em peregrinação, que também traduz uma experimentação espacial que perpassa por paisagens e pela (re)formulação de horizontes, diferenciando-se dos outros modos de caminhar. No geral, a caminhada em peregrinação relaciona-se com a fé e a religiosidade do praticante.

Com isso, pra pensar sobre a caminhada em peregrinação como objeto de estudo geográfico, prática já bem investigada pela Antropologia e Sociologia, aceita-se, de início, uma série de questionamentos que inquietam e nos colocam a refletir: Qual o caráter da geografia que estamos tratando? Quais representações habitam os espaços de peregrinação? Como definir as espacialidades das peregrinações a pé e como abordá-las? Quais os conceitos ou categorias mais adequadas para o estudo? Quais riscos e ganhos da utilização de fontes que vão além do escopo teórico da geografia?

Diante da dimensão dessas questões, seguem alguns posicionamentos, jamais definidores, que reconhecem a ciência em sua pluralidade teórico-metodológica e não como detentora de verdades: a peregrinação a pé configura-se como objeto de estudo desafiador ao geógrafo; uma leitura cultural dos significados direcionados pelos peregrinos à sua prática religiosa e ao espaço em tela se torna interessante; as espacialidades das peregrinações a pé não estão dadas, pois assim como os conceitos e categorias, dependem do método adotado pelo pesquisador; a análise empírica é essencial para a evolução dos estudos afins; para a melhor compreensão dos fenômenos espaciais, a ampliação dos limites disciplinares da geografia será benéfica, desde que não se perca na discussão que deve se centrar no espaço.

Na compreensão de Santos (2010, p. 177):

As peregrinações são fluxos de pessoas que, por motivações exclusivas ou predominantemente religiosas, se deslocam, de um lugar marcado pelas práticas e relações de cotidiano (domicílio, trabalho, família, vizinhança) para um outro (santuário, centros religiosos, locais de festividades religiosas etc.), na procura de “fontes” de caráter espiritual ou local adequado para a prática de atos de devoção religiosa, assumindo variadas formas de culto divino, mariano ou dos santos.

Rosendahl assinala que “a palavra *peregrino* não aparece nos dicionários básicos de geografia, embora se refira a uma experiência humana repleta de significados e de nítida dimensão espacial” (2006, p. 119). A peregrinação não é um simples reflexo da vida social, mas sua expressão simbólica posta em prática e, portanto, parte constitutiva da realidade, com suas devidas espacialidades, merecendo, deste modo, análises geográficas.

Dentre as maneiras possíveis de peregrinar, as peregrinações a pé – chamadas por alguns religiosos de “autênticas peregrinações” – exprimem uma geograficidade⁴ extraordinária, e exigem atenção do pesquisador no sentido de tentar entender suas variadas qualificações. Em um ensaio que segue este esforço, Souza (2013, p. 3757) aponta:

Aventurar-se ao largar a tranquilidade do lar, de mochila nas costas e o cajado em mãos, passar por caminhos por vezes desconhecidos, enfrentar as intempéries climáticas e outras surpresas da natureza, seja dia ou noite, sozinho ou em grupo,

³ Sobre, consulte-se: GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010.

⁴ Eric Dardel refere-se a uma dimensão espacial da existência humana. Para o autor, “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de uma existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p.1).

encontrar-se com outros do mesmo credo e desfrutar de certo convívio social, disputar espaços com outros, parar, descansar, se pôr a marchar, orar e vigiar, dispensar ladainhas, pedir, agradecer, deparar-se com formas espaciais religiosas dispostas pelo itinerário, alimentar o corpo e o espírito em busca de um santuário, de um espaço sagrado, são algumas das qualificações da experiência religiosa das peregrinações a pé.

A prática de peregrinar a pé revela-se como algo sublime, uma vez que o peregrino se permite ao sacrifício e não raro revela privações e exprimem exaltações relacionadas a determinadas figuras divinas, santas. Ao caminhar em peregrinação o homem religioso idealiza se colocar numa situação de engrandecimento espiritual. Ele busca o sagrado que está concentrado nos templos, e se faz do sagrado que o acompanha passo a passo. Esse homem religioso se fortalece do sagrado que se manifesta no espaço, no território e na paisagem. Nesta perspectiva, entende-se que o sagrado se dá ao ver e ao sentir; sagrado que encontra qualificação em formas espaciais religiosas não só encontradas, mas também reconhecidas, pelo peregrino.

Para Sandra de Sá Carneiro (2013) o conceito de peregrinação deve ser compreendido a partir do ponto de vista do peregrino. Ninguém melhor do que o próprio peregrino para definir o que é a experiência de caminhar em peregrinação. Assim, metodologicamente, os estudos devem perceber e valorizar a pluralidade das experiências e narrativas desses agentes espaciais, pois o sentido da experiência é constituído e elaborado de diferentes universos de significado. As percepções sobre o local, a paisagem e a mobilidade ganham destaque na concepção da autora citada acima. Após analisar algumas narrativas de peregrinos, atentemos para as palavras de Carneiro (2013, p.136):

[...] as peregrinações são descritas como experiências que podem proporcionar aos peregrinos “conhecimento de si mesmos”, “introspecção”, “despojamento material” em uma dimensão mais subjetiva. Mas também pode favorecer o contato dos peregrinos com “paisagens”, com uma “natureza exuberante” e com “belos quadros da natureza”. Além disso, valoriza-se a possibilidade de se conhecerem, durante o percurso, “patrimônios nacionais”, “sítios históricos e arqueológicos”, ruínas etc. Ao mesmo tempo aponta-se uma dimensão da experiência de se realizar esses caminhos que pode significar também uma peregrinação “mística” ou “religiosa”, por meio da qual podemos ter “aproximação de Deus”, contato com o “Criador” e “fervor religioso”.

O caminho da peregrinação, para além de seus aspectos físicos, solicita do pesquisador a consideração de questões fundamentais da vida do homem. “Caminha-se sempre dentro de um contexto natural e de um contexto social” (Labucci, 2013, p. 54), representando um elevado modo de (r)e(s)xistência⁵ na terra. Com efeito, não há, pois, peregrinação que não proporcione a experimentação do espaço e o envolvimento com paisagens. Peregrinar é preencher a paisagem, seja pelo movimento, palavra ou imaginação; é situar o corpo para que se defronte com horizontes à frente. Conservar “os pés na terra”, como o faz o peregrino a pé, torna-o um agente religioso espacial, parte da paisagem⁶.

⁵ Labucci compreende a arte de caminhar, onde se enquadra o caminhar em peregrinação, como uma revolução. Para este autor, “não existe nada mais subversivo, mais alternativo em relação ao modo de pensar dominante, que o caminhar” (LABUCCI, 2013, p. 9).

⁶ Embora Michel Collot (2010) não trate de peregrinações, vale mencionar que algumas das ideias contidas nesse parágrafo, sobre a relação homem-paisagem-horizonte, têm como referência cabal às suas reflexões.

Entendemos que a caminhada em peregrinação pode ser analisada à luz do conceito de paisagem e da categoria de análise horizonte, enquanto campos visuais que comportam o invisual (MERLEAU-PONTY, 2006.), fazendo desses espaços, de fortes cargas simbólicas, “textos” que merecem decodificação dos geógrafos⁷, a quem cabe à tarefa de multiplicar as diferentes maneiras de perceber e sentir a paisagem (CLAVAL, 2012). Compreender o sentido humano das paisagens diz respeito ao ponto de vista cultural (BERQUE, 2012).

Para o geógrafo James Duncan (2004, p.106), a paisagem

É um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado. Para compreender essa qualidade estruturada e estruturante da paisagem, necessitamos primeiramente perguntar o que é o significado da paisagem.

Segundo Paul Claval (2008), dentre outros, os aspectos relacionados com a imaginação nos estudos de geografia vêm permitindo a explicação da dimensão dinâmica da cultura e as possibilidades que ela oferece aos homens de se projetarem no futuro, pondo, de fato, a geografia em outras direções investigativas. A paisagem e o horizonte, por conseguinte, estão contidos nesse conjunto, pois parecem abrir perspectivas de sonhos e fantasias que não podem ser desvinculadas de nossas *geografias*.

Os significados que dispensamos para o termo *horizonte* dão conta de informar que este seria uma espécie de linha imaginária definida pelo alcance da visão, que demarca o encontro entre o céu e a terra ou entre o céu e o mar. Em situações em que se está diante de campos abertos, não raro o horizonte tem seu nome pronunciado. Somos tomados por sentimentos, variáveis em suas qualificações, que nos levam para espécies de “espaços pensados” (NANCY apud COLLOT, 2013, p. 35). Segundo Michel Collot (2013, p. 51) o horizonte é:

Um espaço percebido e/ou concebido, logo, irredutivelmente subjetivo. O horizonte, que é constitutivo da paisagem, revela bem sua dupla dimensão: é uma linha imaginária (não a encontramos representada em mapa algum), cujo traçado depende, ao mesmo tempo, de fatores objetivos (o relevo, as construções eventuais) e do ponto de vista de um sujeito.

Embora o filósofo Michel Collot (2010) nos aponte que o horizonte não é um objeto espacial *per se*, uma vez que não é alcançável, e por isso não é um lugar⁸, com base nos escritos dos geógrafos Jean-Marc Besse (2006) e Eric Dardel (2011), discordamos quando afirma que o horizonte não se inscreve em nenhuma geografia, pois nem tudo que é geográfico cabe nos mapas⁹. Nem tem todo fenômeno geográfico é perfeitamente cabível nas projeções cartográficas.

Para Eric Dardel (2011, p. 2), “o espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e

⁷ “A linha interpretativa dentro da geografia cultural recente desenvolve a metáfora da paisagem como ‘texto’ a ser lido e interpretado como documento social” (COSGROVE e JACKSON, 2007, p. 137).

⁸ O lugar, como posto pelo filósofo, refere-se como lugar enquanto localização.

⁹ A discordância nesse ponto em específico da obra de Michel Collot não reduz a sua importância para as nossas análises sobre a experiência de peregrinar a pé, nem reivindica para a geografia uma discussão singular acerca da noção de horizonte. Filósofos, poetas, literários, dentre outros, o discutem como ninguém.

resiste”. Jean-Marc Besse (2006, p. ix), ao mencionar a abertura da paisagem ao invisível, reconhece “o horizonte, as lonjuras, como sinal e anúncio de uma promessa, um apelo”¹⁰. Neste ensejo, o horizonte demarca uma representação simbólica no ato de peregrinar na busca por espaços sagrados. Em outros termos, simbolicamente, o horizonte pode funcionar como expressão espacial que possibilita a interação entre o homem e o cosmos (SOUZA, 2014). Assim, o entendimento da linguagem corporal e o acesso às narrações de vida dos religiosos indicam movimentos e manifestações das espacialidades de caminhar em peregrinação.

Experiência sensível no plano paisagístico do espaço, entendemos que o horizonte aparece ao peregrino como referência de sua prática ritual. Ao comportar o visível, o horizonte, sempre inalcançável em sua forma, mas vivido, reintroduz a imaginação ao mundo do invisível, inscrevendo, no que concerne ao caminho da peregrinação, uma paisagem um tanto intrigante (COLLOT, 2013). A vida tem pulsão no instante da peregrinação. “Caminhar é uma modalidade do pensamento” (LABBUCCI, 2013, p.9), que embora represente fuga do homem religioso ao mundo da técnica, é uma afirmação direta e explícita da condição de ser humano.

Caminhamos com o nosso corpo. Esse simples fato nos remete à vida nua, aos seus elementos e às suas necessidades mais elementares: comer, beber e dormir, frio e calor, cansaço e repouso, dor e prazer; a vida na qual os nossos sentidos estão todos trabalhando com uma potência e uma capacidade maravilhosas, que não experimentamos normalmente. Por isso, quem caminha volta logo sabendo que algo se perdeu, do qual não temos mais consciência: as estações, o clima. Estes são os protagonistas, frequentemente incômodos, das narrativas de viagem a pé; são também uma descoberta imediata e um aborrecimento constante de quem, pela primeira vez, decide entregar-se aos pés, dando-se conta, querendo ou não, da diferença substancial em relação a todos os outros meios de locomoção que, isolam ou protegem (LABBUCCI, 2013, p. 23-24).

Daqui por diante, não que já não tenha feito, sugere-se que o dispositivo do “eu peregrino” seja colocado em cena com mais afinco: entregue-se “aos pés” e à crença de que o pensamento é uma modalidade do caminhar, capaz de fazer o homem paisagem, certo de que *o horizonte é logo ali*.

IMAGINAR-SE A PÉ E COM FÉ¹¹

O homem é um criador de imagens, sua *psique* consiste de imagens, logo sua existência é imaginária (AVENS, 1993). Imaginar algo inexistente, desconhecido ou ausente, diz respeito a uma questão primeira de cunho filosófico, mas também geográfico, quando a imaginação se reporta aos espaços de vida (CLAVAL, 2010). Embora não seja de nossa intenção aprofundar a discussão sobre imaginação, é importante ressaltar, de início, que essa noção vem acompanhada de outras, como imaginário, fantasia e representação (SAES, 2010). Logo, enquanto criador, o homem age conforme o imaginário, fantasia e, mentalmente, representa as possibilidades de seu ser sobre a terra.

Ainda face à imaginação, Roberts Avens (1993, p.36) destaca:

¹⁰ Não por acaso, a obra desses dois autores configuram-se como inspirações para pensar a temática aqui abordada.

¹¹ A expressão “a pé e com fé”, ao mesmo tempo em que põe em voga a experiência e traduz o saber religioso daqueles que peregrinam, pode ser entendida aqui como uma crítica aos cientistas que ainda negam a fé como um elemento responsável por determinados comportamentos espaciais do homem.

Quando se diz com frequência que a imaginação é criativa, isto deveria significar que ela estabelece uma espécie peculiar de *relação* entre a matéria e o espírito – uma relação na qual nem a matéria nem o espírito são obliterados, mas sim unidos, fundidos em um novo todo que produz, eternamente, novos todos, novas configurações de imagens na arte, poesia, religião e ciência. Com o tempo devemos chegar à conclusão inescapável de que a imaginação deve estar atuando, também, na assim chamada natureza física.

A pesquisa sobre peregrinações a pé, principalmente quando das entrevistas construídas com peregrinos em caminhada, por vezes me causou a sensação de alteridade, detonando em uma experiência real realizada por 23 km entre a sede da cidade de Natividade e o povoado de Bonfim, em 2011 – situado no sudoeste do estado de Tocantins, acerca de 220 km da capital, Palmas. A decisão de caminhar em peregrinação teve fins científicos, quanto às observações e encontros conseguidos, mas também me pôs a prova diante de horizontes e paisagens. Creio que essa experiência tenha contribuído para melhor pensar tal prática, descortinando elementos e expressões que podem servir de fios condutores para uma reflexão geográfico-poética.

As divisões dessa seção do texto sinalizam para alguns dos elementos e expressões mencionadas, a saber: *a gravidade, o sol e o vento; a árvore, o riacho e um céu de estrelas; o encontro com o espaço sagrado*. Reconhece-se, portanto, a presença de elementos e expressões psicológicas, fisiológicas e naturais, que parecem rememorar ao homem a sua condição de ser humano.

Contando com a capacidade do seu espírito em representar imagens (AVENS, 1993), imagine-se peregrino. Imagine-se a pé e com fé... Um homem que se colocará a caminho junto com os peregrinos tomados como referências em suas histórias de vida. Propusemos breves descrições, o que não engessa, de maneira alguma, a experiência imaginária do leitor e a construção de suas paisagens mentais. O caminho, a partida, os tempos de descanso, os itinerários, os encontros, as paisagens e feições do horizonte, o pagamento de promessa, o número de dias e quilômetros que caminhará, dentre outras qualificações, são decisões e saberes que não nos cabe definir. Assim, cada uma das descrições pode sofrer desdobramentos, a seu critério.

A GRAVIDADE, O SOL E O VENTO

Eu tinha que pagar minha promessa a pé mesmo. De outro jeito eu não queria. O negócio de meter o pé na estrada, ter fé e acreditar que tudo vai dar certo. Não dá pra pensar nas dificuldades [...] O corpo se acostuma e você só tem que ir em frente (Junior, 14/08/2014).

A decisão de se colocar num caminho de peregrinação acontecera meses atrás, em virtude de um problema de saúde na família. Valeu-se da graça de Nosso Senhor do Bonfim, no que concerne ao pedido de cura, e ali nascia a promessa: peregrinar por um trajeto de 245 km em sinal de agradecimento. Para a realização da façanha – para utilizar um termo pronunciado pelo próprio peregrino –, se ganha à companhia do amigo e compadre, que já fizera a caminhada em outras oportunidades.

De outro jeito, a não ser a pé, “teria graça”. O religioso se achava tão devedor e, concomitantemente, grato, que só a caminhada lhe satisfaria a alma. Pra começar dar tudo certo, de fato, uma coisa lhe parecia clara: “tenho fé, mas precisava manifestar isso com os pés”. Era preciso sentir a gravidade que lhe ligava a terra, sentir o “peso” do terreno por meio

do corpo, sentir o sol castigar, deixando as maçãs do rosto numa cor encarnada¹². Peregrinar, inclusive, para sentir o atrito do vento e depois de alguns dias de caminhada, deixar o corpo ser levado pra frente.

O *astro-rei* não só castiga. Ele abre os caminhos e descortina paisagens. Todos os dias, dois espetáculos são certos lá do horizonte: o nascer, anunciado pela aurora, e o pôr do sol, dando início ao crepúsculo. Durante esses dois movimentos, na caminhada em peregrinação, o mais difícil é não se lembrar da bondade de Deus. As paisagens da terra mudam de coloração e percebe-se que algo chega e/ou vai embora. O movimento de renovação se mostra natural. Reza-se com mais firmeza logo ao acordar, tendo como tela à frente um horizonte que encandece a visão e preenche os corações de sentimentos que brotam de dentro de cada ser – um sujeito que, diante da experiência, se compreende renovado em seus pensamentos.

A ÁRVORE, O RIACHO E UM CÉU DE ESTRELAS

Depois de algumas horas caminhando, a chegada junto àquela árvore, vista agora há pouco no horizonte, inaugura uma parada para experiências. Para-se nesse local a fim, sobretudo, de aproveitar da sombra ofertada pela copa. Momento de descansar as pernas, encostar o cajado, tirar o tênis velho para que os pés respirem, e sacar da mochila algo para comer. Faz-se uma refeição sem mesa nem cadeira. Os peregrinos que passavam na estrada agora ganham espaço na roda e contam das suas experiências e proezas no caminho. A roda ganha em prosa e o jogo de carta dá o tom. Ali, os finos colchões também podem ser desdobrados e as redes armadas sobre os galhos. Contudo, logo que “o sol esfria”¹³, lembra-se que *o caminho é o que há*.

A caminhada não é fácil, mas o Senhor do Bonfim está com a gente. É uma experiência pra quem está disposto a descansar pouco, mas, por outro lado, manter contato com a natureza e, quem sabe, até se encontrar aqui. (Fátima, 14/08/2014).

A persistência física do peregrino é sustentada por meio da “companhia” do Santo. Peregrinar é colocar o corpo em exaustão, não tem como não ser assim. Por outro lado, é estabelecer uma experiência com a natureza que poucas práticas humanas permitem. Qual o mal em acompanhar os passarinhos com os olhos e imaginar para onde vão? Que mal tem em se colocar em cima daquela montanha e de lá imaginar a vida? Como é bom sentir o cheiro de mato... Por ocasião, vale até falar com a natureza e pedir licença para passear por ela. Pois bem, é preciso caminhar... A paisagem tem no seu horizonte a imagem de um riacho; A paisagem ganha o som da água em corrente pela vegetação. Caminha-se para lavar o rosto, banhar-se e abastecer os reservatórios de água.

Com o anoitecer, sob um céu de estrelas, na areia branca do rio, armam-se as barracas de camping, enquanto outros se responsabilizam por apanhar a lenha e acender a fogueira. A paisagem é outra; o horizonte causa medo. A fogueira serve para esquentar os corpos, afugentar os animais, e em volta dela é bom de ficar “jogando conversa fora”.

¹² Na entrevista, o religioso referiu-se a cor vermelha. Encarnada é uma expressão que lembra a cor da carne (vermelha).

¹³ Essa é uma expressão comum ao homem do campo no Brasil. Quer sê-a dizer que os raios solares já não atingem a terra com tanta intensidade.

O ENCONTRO COM O ESPAÇO SAGRADO

Se a peregrinação pudesse ser equiparada à escala de uma montanha, o encontro com o espaço sagrado seria a chegada ao seu cume. Todo o esforço físico e a fé no objetivo da caminhada, escalada, teria valido a pena. A alma teria passeado por muitas paisagens e horizontes antes de se juntar ao corpo diante do altar - refere-se a altar como a visão que se tem do cume da montanha, como o altar da igreja que foi buscada; enquanto objetos de culto, os dois são considerados santuários: o primeiro natural, o segundo idealizado. No espaço sagrado, como em geral dizem os peregrinos, dali sente-se que o dever foi cumprido. A divindade é sentida de modo mais intenso ali. A promessa é paga nesse encontro entre homem e espaço sagrado.

Na experiência do peregrino a pé, ao contrário da experiência do escalador de montanhas, o encontro com o espaço sagrado minimiza a persistência do horizonte. Enquanto aquele que escala a montanha encontra-se em estado de graça diante da imensidão do horizonte, se deixando imbuir de devaneios, o peregrino já não tem tamanha preocupação com o horizonte. A cada curva ultrapassada, a cada monte deixado pra trás, o sol e a lua que vieram e se foram algumas vezes, era no santuário que se queria chegar. Sabia-se que o santuário estava além dos horizontes que não permitiam sua visualização. Com efeito, a paisagem mais buscada pelo peregrino tem a forma do santuário no horizonte. Não se caminha em peregrinação por acaso.

Chegar ao Santuário do Bonfim depois de toda essa caminhada é uma recompensa que só os peregrinos de verdade sabem o que é. (Marcondes, 15/08/2014).

Só sabe o que é peregrinar quem peregrina. Só sabe o que é imaginar a experiência de um peregrino quem tem a iniciativa de imaginar. O peregrino imagina-se a caminho e no caminho, imagina-se chegando ao espaço sagrado e pronto pra cumprir um ritual. A chegada faz com que as batidas do coração se acelerem e os olhos sejam marejados, é uma etapa especial da peregrinação, o que requer uma espécie de ritual individual de celebração: vai-se direto ao santuário, e lá se curva diante da imagem do santo; fica-se em silêncio ou se realiza uma rápida oração de agradecimento, o que pode ser feito ainda com o cajado em mãos e a mochila nas costas; assiste-se a missa do peregrino, inclusive na companhia de familiares que esperavam ansiosos; busca-se o velário, para assim se acender uma vela e pedir intercessão, aliás, já pensando na caminhada em peregrinação do ano seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada em peregrinação funda uma experiência espacial que difere de outros modos de caminhar e de peregrinar. Não se caminha por esporte em peregrinação, por exemplo. Não se valoriza regras para se caminhar em peregrinação, tampouco o caminhante está em competição (GROS, 2010). Não se coloca a caminho em peregrinação por acaso, pra vagar no espaço. O caráter da peregrinação a pé segue impulsos espirituais e religiosos. Peregrinar a pé, ademais, proporciona uma relação do homem com o meio diferente daqueles que o fazem de bicicleta, a cavalo ou de automóvel.

Caminhar em peregrinação é um ato físico e simbólico que faz do caminho de peregrinação uma forma simbólica espacial. Na visão de Yu-Fu Tuan (1980), a caminhada em peregrinação situaria o homem na topofilia. Existiriam, assim, laços sensíveis do homem religioso com o espaço escolhido para peregrinar. Em caminhada se consegue uma experiência individual, com as emoções e intensidade jamais passíveis de medição.

Diante da interpretação que fizemos das narrações de vida dos três peregrinos destacados na segunda parte do texto, sugerindo que a sua imaginação lhe colocasse “a pé e com fé”, num exercício de alteridade, não quisemos encerrar as possibilidades de, geograficamente, analisar o ato humano de caminhar em peregrinação. Assim, certamente, as suas interpretações de leitor, somado à sua experiência imaginária, contribuiria muito com o pensar sobre tal ato. Ainda sobre as descrições das experiências dos peregrinos em tela, um alerta que tem certo caráter de obviedade: existem tantos outros caminhos, itinerários e formas simbólicas, que a própria vivência do leitor pode fazer valer.

Por fim, aceitando o juízo que diz que “a geografia está em toda parte” (COSGROVE, 2012), afirmamos que é preciso que, enquanto geógrafos, busquemos entender a cultura e o simbolismo nas paisagens humanas das caminhadas em peregrinação. O par de discussões sobre a paisagem e o horizonte foi aqui apontado como uma possibilidade metodológica a qual, certamente, merecerá críticas e revisões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVENS, Roberts. **Imaginação é realidade**. Petrópolis: Vozes, 1994. Col. Psicologia analítica.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. As peregrinações como atrações turísticas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Geografia cultural: uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- CLAVAL, Paul. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana? In: **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. SERPA, Angelo (Org). Salvador: EDUFBA, 2008.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. A paisagem dos geógrafos. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.
- COLLOT, Michel. Do Horizonte da Paisagem ao Horizonte dos Poetas. In: ALVES, Ida Ferreira e FEITOSA, Márcia Manir. **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Tradução de Eva Nunes Chatel. Niterói: EdUFF, 2010.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: a natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. Tradução de Sérgio Maduro. São Paulo: Martins Fontes -- selo Martins, 2013.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 3 Ed.
- ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa (Org). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- SAES, Silvia Faustino de Assis. **Percepção e imaginação**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- SOUZA, José Arilson Xavier de. Espaço sagrado e religiosidade: significados das peregrinações a pé. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 10., **Anais eletrônicos...** Campinas-SP, Unicamp, 2014. 1 CD.
- _____. A paisagem de peregrinos a pé: o horizonte é logo ali. **Espaço e Cultura** (UERJ), 2014. *No prelo*.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. Tradução por L